

Recensões

MARSCH, W. D. — MOLTSMANN, J.: "Discusión sobre teologia de la esperanza", tradução do original alemão por José Maria Mauleón, 222 pp., 21,5 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

Hoje podemos dizer que, após a grande influência do pensamento de alguns teólogos de confissões evangélicas, como, por exemplo, Karl Barth e a sua Teologia Dogmática, como as reflexões de um Dietrich Bonhöffer sobre a situação do cristão num mundo secularizado, como os de seus "seguidores" teólogos da "Morte de Deus" (Hamilton, Van Buren e outros), a importância da reflexão de um Harvey Cox ou de um Richard Schaul sobre as tarefas da Igreja nas diversas situações sócio-culturais, não resta a menor dúvida de que o nome de Jürgen Moltmann já participa da grande constelação da Teologia Contemporânea.

É difícil a nós falar sobre Moltmann: a perspectiva de sua análise teológica (cfr. J. Moltmann, Teologia da Esperança, Herder, SP, 1971), como também em vários outros artigos por ele publicados, ao lado da análise de J. B. Metz (Teologia Política) operou-se uma reviravolta no pensamento teológico que procura, se bem que com algumas falhas e ausências em relação à problemática do Terceiro Mundo, desprivatizar a fé, desconfigurar a Igreja de sua imagem do "Reino de Deus" realizado sobre a terra, mostrando que o cristianismo é sobretudo um movimento que, em seu caminhar histórico, é uma marcha contínua, num processo dialético cheio de avanços e retrocessos, que visa a realização do Plano de Deus em relação aos homens. Plano este já presente, no século, pela Cruz e Ressurreição de Jesus Cristo.

Penso que é apenas nesta linha que podemos refletir sobre os escritos de Moltmann. Parece-nos que é esta a preocupação de W. D. Marsch. Para apercebermo-nos disto, basta que olhemos os vários títulos que compõem esta "Discusión sobre Teologia de la Esperanza". Seus temas, após situar o surgimento deste novo teologizar, no período que circunda as duas grandes guerras mundiais, mostrando as influências e as críticas que se possam fazer ao pensamento de Karl Barth, procuram, de maneira bastante sintética, apresentar a Teologia da Esperança de Moltmann como uma tentativa de aplicar, em termos de ação histórica, a Teologia Escatológica. Neste capítulo se mostra sobretudo o motivo desta Teologia: o pensamento e a praxis da esperança, como também as relações que esta teologia tem com o movimento de pensamento de um dos grandes nomes do Marxismo Contemporâneo, Ernst Bloch (cfr. E. Bloch, Philosophische Grundfragen, 1961; Das Prinzip Hoffnung, 1959).

Num novo título, "La esperanza de la fe", apresenta-se a própria "carga" de esperança que há no próprio compromisso da fé, onde se procura sublinhar o significado da expressão "Deus revela". Chega-se à conclusão de que a revelação é o "novum" que consiste no fato de que o povo que a recebe se concebe a si mesmo "dentro de um horizonte sempre novo de expectativas históricas; desde os tempos dos profetas e dos escritores apocalípticos, dentro de um horizonte uni-

versal que abarca toda a humanidade: de Deus se espera que restabeleça e organize a seu povo — e, com ele, a humanidade inteira” (p. 99). Num outro momento do processo revelacional de Deus (Novo Testamento), esta mesma revelação se concentra na “identidade do Jesus Crucificado com o Jesus Ressuscitado: a aquele que, com sua mensagem sobre o reino de Deus, acaba, por fim, na cruz, conhece-se como o ressuscitado por Deus, o Senhor do mundo, aquele que há de vir” (p. 99).

O capítulo assinado por Cristoph Hinz, “Fuego y nube en el éxodo”, trazem algumas anotações “crítico-subsidiárias à teologia da esperança de Jürgen Moltmann” (cfr. p. 103), mostrando que, sem deixar de substancialmente louvar o nosso autor, deve-se-lhe fazer algumas correções: “a) Não abandonar o discurso sobre a auto-revelação nas categorias pessoais, já que a auto-revelação é o fundamento de esperança de um mundo aberto; b) Não estabelecer alternativas polêmicas entre fé do éxodo e estruturas epifânicas, com o abandono conseqüente da vida cumprida no “hoje”, mas perguntar pelo amplo “sentido de orientação da promessa” do Éxodo; c) Como esperança universal, a cruz e a ressurreição não podem ser concebidas sem uma mediação através da vida que se abre na justificação presente; d) A esperança viva cimentada sua vida em razões fundadas (p. 140).

Num novo título Petr Pokorny mostra o “Descobrimento do futuro na teologia”, salientando que a Teologia do Futuro “não pode ser apenas um chamamento e uma voz profética. Tem-se que também criar, conscientemente, concepções provisórias, não-absolutas; a teologia do futuro tem que ser universal e estruturada. Do contrário, não expressará hoje a promessa da nova era, nem dará, tampouco, cumprimento à sua função profética” (p. 146). Em seguida, Hendrikus Berkhof faz algumas anotações sobre “o método da escatologia” e, logo após, ele mesmo comenta

vários outros escritos sobre a Esperança. Comenta ainda que o próprio Moltmann não responde a algumas questões importantes levantadas por ele mesmo, como, por exemplo: “Que significa nosso estar-em-caminho para as questões políticas e sociais de nossa época?”.

Ainda há outros títulos: “Esclarecimentos à Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann”, de Harminus Martinus Kuitert, refletindo principalmente sobre a significação da história, para os homens, “como liberdade”, para, em seguida, sugerir, àqueles que não pretendem estudar pormenorizadamente a obra de Moltmann, que se leia, ao menos, o primeiro capítulo de sua obra “Meditação sobre a esperança”, que resume clara e sucintamente a intenção do teólogo em pauta. Lembra que Moltmann, além de seu livro “Teologia da Esperança”, escreveu outras coisas, inclusive algumas análises históricas, destacando principalmente “o cristalino livro sobre a perseverança dos santos, uma proposição doutrinal que desenvolveu seu papel na ortodoxia reformada”. Por fim, afirma que “desejamos conservar a continuidade da fé não com pouca ajuda do conceito escolástico de “habitus”; mas, tampouco, pensamos em discontínuidade... O que se trata é de uma continuidade que consiste única, mas, isso sim, literalmente, na fé e na oração. Tudo isto consta, palavra por palavra, no mencionado livro de Moltmann” (pp. 165-169).

Por sua vez, o articulista de “SPES QUÆRENS INTELLECTUM”, Wilhelm Andersen, tece algumas críticas a Moltmann, com intenção nitidamente positiva, salientando que o Deus que Moltmann apresenta é o Deus da promessa e que “em conexão com o acontecimento contingente de Israel está o acontecimento concreto, irrepetível, histórico da crucifixão e da ressurreição de Jesus por Javé”, um Deus com “futuro como caráter constitutivo”, que é, para Moltmann, o Deus “do antigo testamento e o Deus do éxodo, que se

revela em Jesus Cristo como Deus de todos os homens" (p. 172). Reconhece que Moltmann, por seu livro básico, se "obrigará a permanecer em assunto (em pauta)", mas lembra que o próprio conteúdo do conceito de Deus "como futuro constitutivo" (E. Bloch, relido por Moltmann), só é válido na medida em que permanecer no contexto de louvor a Deus, o Senhor, "aquele que era, que é e que será" (Ap 4,8) (cfr. p. 172). Porém, o que ele ressalta e que talvez seja este, no contexto em que aquelas reflexões foram sugeridas (contexto teológico-cultural europeu, portanto), são aqueles que o autor alude como "perigos dos quais a concepção de Moltmann nos parece estar ameaçada. Não é a esperança o que faz que a comunidade seja comunidade (Moltmann, p. 423), mas sim, quem o faz, é Jesus Cristo, que veio ao mundo e opera atualmente na fé, através da palavra e do sacramento. A comunidade tem esperança, porque dele procede e caminha com aquele que, em Jesus Cristo, é a salvação do mundo e fez desta uma realidade. Tem missão para o futuro, porque este fato aconteceu no passado" (p. 176). Mas, enfim, reconhecendo novamente que seus questionamentos a respeito da obra moltmanniana têm um caráter positivo, mostra por fim a positividade de um livro cujo "propósito é a de uma reação contrária ao fato de que a teologia da esperança fique, enfim — como especulação fantástica — sem objeto" (p. 176).

Há ainda o artigo assinado por Josef Smolik, "Teologia da Esperança", que mostra a necessidade de radicalizar as perspectivas de Moltmann, como, p. ex., a questão do conteúdo e significado teológico da historicidade de Jesus, a questão do seguimento/imitação de Jesus, que ajudariam à acentuação de uma "theologia crucis" e à concretização de uma antropologia cristã" (cfr. p. 177). Procura, ainda, mostrar que as questões cristológicas, principalmente as desenvolvidas por Moltmann nas categorias de "vínculo à cruz e à ressurreição",

se traduzem em âmbito da Teologia da Igreja, terminando com algumas perguntas, como: "A situação não é algo distinta quando se a vê da perspectiva da igreja institucional, onde, definitivamente, há de se empreender a luta pelo futuro de Cristo e o futuro do mundo? — A insistência na antropologia há de ser necessariamente um produto da sociedade técnica? Não pode ser também — no contexto mais amplo, que Moltmann aduz — um ato de penitência, em razão de que o pensamento metafísico da igreja não tomou suficientemente a sério a essência específica do homem, em sua situação existencial, localizada em meio às mutações históricas? — Não sucede que, também neste sentido a "interpretação existencial" vai ao encontro de um futuro novo, de um acontecimento verdadeiramente novo, que pode abrir novas perspectivas e conduzir a outra nova concepção da realidade?" (p. 178). Sem dúvida, estas interrogativas, a partir da própria obra de J. Moltmann, dariam "pano a muita manga" em qualquer contexto em que se tente seriamente uma reflexão teológica.

H. Eduard Tödt responde a uma carta de J. Moltmann, perguntando, criticamente, a respeito da unilateralidade manifesta no capítulo V de sua "Teologia da Esperança", manifestada sobretudo a respeito do conceito de Reino-de-Deus (p. 179), perguntando se nós, homens, poderíamos "realmente configurar algo que conduza ao Reino de Deus?", e assim por diante. Para Tödt, como ele mesmo confessa, o grande problema suscitado pela obra é, sinteticamente: "saber com mais exatidão como se relacionam mutuamente a esperança no reino de Deus e a esperança em relação ao mundo (no penúltimo); desejaria saber como se apresenta tudo isto quando, tomando como exemplo um problema concreto totalmente determinado, se pensa até o final...". Sem dúvida, tais questões são bastante relacionadas com aquilo que em América Latina se convencionou chamar de Teologia da Libertação

(cfr. G. Gutierrez, "Teologia da la Liberación", Hugo Assmann: "Opressão-Liberación: Desafio a los Cristianos" e Ruben Alves: "Religión: opio o instrumento de liberación?"). Vemos, assim, que, ao menos algumas questões "teóricas" desenvolvidas pelo pensamento teológico europeu se coadunam com a reflexão sobre a fé determinada pela práxis por aqueles que podemos considerar como os expoentes da nóvel Teologia Latino-americana.

Por fim, resta salientar o último capítulo deste pequeno livro, ou seja, a "Resposta à crítica da Teologia da Esperança", pelo próprio Jürgen Moltmann. Em sua primeira nota ele mostra sua intenção: "o que há que procurar para o futuro da teologia não é que se comparta comumente a resposta que alguém dê, mas, tão só — mas, isso sim, sempre — que se compartilhem as questões ainda sem solução nem resposta" (p. 183), e isto é o que ele tenta fazer nos subtítulos que seguem ao capítulo, onde trata sobre os determinados aspectos levantados pela crítica teológica à sua obra. Tais aspectos, que constituem sua resposta, são, sem os pormenorizarmos em todos os seus matizes, os problemas apresentados sobre as questões da "Unilateralidade e ortodoxia em teologia"; os "Métodos na escatologia, ou é possível o retorno da teologia da esperança para uma teologia da fé", a questão do "Deus da Esperança" e o "Deus Trinitário", o "Deus do futuro e o Cristo crucificado", e, por fim, "Escatologia criadora, esperança e atuação" (pp. 183-220).

Vale a pena ler este livro de começo a fim. Mas, mais ainda, vale a pena levar a sério a observação sobre os "sem-sentido" da tarefa teológica que Moltmann considera, em seu último parágrafo destas respostas àquelas críticas:

"A época em que o manter-se firme na confissão era algo necessário, parece ter sido ultrapassada já para certas regiões e decênios; em seu lugar, se iniciou a época dos experimentos e tateamentos para algumas regiões novas. Seria

sem sentido que a teologia e as igrejas pusessem obstáculos em seu próprio caminho, acendendo o sinal vermelho da heresia em cada recanto. Quando alguém, numa autocompreensão plenamente ortodoxa, adquiriu traços heréticos, o que se impõe é mais a autocrítica e a abertura. Contudo, seria também sem-sentido que as novas formas experimentais da teologia e da construção cristã da comunidade passassem por alto pelas situações, ainda latentes hoje, em que a confissão própria deve ser mantida. Na história há momentos em que todas as possibilidades se contraíam em torno ao núcleo da situação confessional e decisória, como situação única. Mas, por sua vez, existem também os tempos da amplificação e do desenvolvimento de possibilidades. Neles, as possibilidades de êxito são maiores que a força e presença de ânimo para apreendê-las. É preciso fazer aquilo para o que já chegou a hora. Para isso é necessária a liberdade para o futuro, que nasce da liberdade do passado mau e também do bom" (p. 220).

Resta, enfim, uma última observação, ou seja, a estreita ligação que a Teologia da Esperança, elaborada por J. Moltmann e estudada e debatida por vários teólogos europeus, tem com uma recente tentativa de teologização começada na A. L., que é a Teologia da Libertação.

Esta "Teologia da Libertação" é o ápice de todo um processo de reflexão, radicalizado na instância concreta de um quase-continente a partir da Teologia Européia, sob suas determinadas facetas, desde o método transcendental empregado por K. Rahner, passando por outras formas de Teologia, como a Teologia do Progresso, a Teologia das Realidades Terrestres, Teologia do Trabalho, Teologia da Revolução e Teologia da Violência.

Com a insistência sobre o desenvolvimento econômico que se desencadeou a partir da Populorum Progressio e com a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (Medellín), bem como com o

trabalho desenvolvido pelo Conselho Mundial de Igrejas e a reflexão de alguns teólogos norte-americanos, entre os quais se destacam Richard Shaull e Harvey Cox, os teólogos latino-americanos tentam hoje refletir sobre o significado do engajamento de sua fé cristã ante as problemáticas diversas (mas unificadas numa mesma raiz, que poderíamos denominá-la de colonialismo, em todas as suas formas, até o cultural) e que, realmente, sejam o testemunho vivo, ante um Povo, da libertação trazida pela

Cruz e Ressurreição de Jesus Cristo.

É com alegria, portanto, que lemos a obra de Moltmann e outras reflexões sugeridas por ele: reflete, mesmo que de longe, uma afinidade com os nossos problemas, ao menos em termos de questionamento e de uma procura de saída ante estes mesmos problemas. O que falta, porém, e é o que sentimos de maneira mais aguda, é apenas a referência concreta aos problemas concretos que hoje, aqui, vivemos.

J. A. Ruiz

RONDET, Henri: *Historia del Dogma*, tradução do original francês de Alejandro Esteban Lator Ros (Col. Sección de Teología y Filosofía, n.º 130), 316 pp., 14,5 x 21,5 cm, Editorial Herder SA, Barcelona, Espanha, 1972.

O autor propõe-se a traçar um esboço, pondo em ordem os trabalhos dos que precederam (p. 27). Este intento vem certamente preencher uma lacuna. Pois as grandes obras do gênero, como as de um Harnack, Fr. Loofs, R. Seeberg, se não são já em grande parte ultrapassadas, não oferecem, contudo, uma vista de conjunto sobre a matéria. Faltava mesmo uma obra recente, mais acessível, que apresentasse uma vista de conjunto sobre a história do dogma.

Logo no início do Prólogo (p. 13) o autor esclarece como entende o paradoxo que o título do livro sugere. Pois quem fala em dogma, entende sempre algo de fixo, definido; quem fala em história, diz evolução, progresso. Quando o homem de hoje ouve falar em dogma, suscita uma ameaça à sua liberdade ou lhe sugere a idéia de intolerância. No entanto, o conceito teológico de dogma está longe disso. Na teologia, dogma é uma verdade imediatamente revelada, proposta de modo irrevogável pelo Magistério da Igreja à fé de todos. Quem estuda os dogmas da Igreja não tarda em reparar que eles surgiram em diversas épocas da sua história. Aquilo que a Igreja, em dada situação da sua história, formulou no dogma não era sempre

crido do mesmo modo ou de modo tão explícito. Surge assim a pergunta: é a Revelação, a doutrina da Igreja, sujeita a uma evolução, a um progresso? com que direito? Estamos aqui diante de uma problemática, que o autor se propõe a deslindar.

Sendo o dogma da Igreja fruto de um desenvolvimento histórico, traz por isso mesmo as marcas da história, da época em que surgiu, do ambiente em que foi formulado. Quem, portanto, deseja ter uma compreensão justa de um dogma e de seu sentido exato, não pode ignorar este fato. Na sua "Historia del Dogma" o P. H. Rondet não pretende falar do progresso da Revelação do Antigo e do Novo Testamento. Há obras que o fazem muito bem (p. 27). Ele, porém, quer mostrar como os dados da Revelação entram na vida e história da Igreja, dando início a todo um progresso de aceitação, de interpretação, de explicitação dentro dela. Assim surgem as grandes controvérsias que agitam a Igreja, às vezes durante decênios, obrigando-a a refletir, a precisar mais exatamente o sentido dos dados da Revelação.

Controvérsias sobre algum dado da Revelação houve-as praticamente sempre através de todo o curso

da história da Igreja; isto faz parte da sua dialética. De tempos a tempos, porém, algum ponto de seu ensino era posto em dúvida, contestado, negado ou distorcido, fato que vinha então a constituir-se numa séria ameaça à fé e à unidade da Igreja. Para guardá-la, defendê-la e propô-la com toda a clareza, a Igreja via-se obrigada a precisar com exatidão o seu conteúdo, ou, para usar um termo técnico, a defini-la. Este ponto entrava assim na posse pacífica da doutrina da Igreja. Eis como se formaram os dogmas.

O autor mostra como este processo atravessa toda a história da Igreja desde os Padres Apostólicos até os nossos dias; trata-se de um processo vivo dentro da dialética histórica. Não correu sempre numa mesma linha, nem foi sempre a explicitação e aceitação harmoniosa e pacífica da mensagem revelada. Para seu progresso e sua explicitação concorreram, por um lado, a piedade dos fiéis e a reflexão dos teólogos, por outro lado a prudência do Magistério eclesiástico sob a luz e guia do Espírito Santo. O dogma é, portanto, sempre condicionado por toda sorte de acontecimentos externos e fatores diversos de cultura, de pensamento

filosófico, de situação política, etc. O padre H. Rondet quer oferecer-nos um resumo desse processo histórico. É certamente um intento arrojado, que exige um cabedal não comum de conhecimentos variados, um espírito crítico não vulgar.

É evidente que tal obra pode ser apresentada sob ângulos diversos, pode ser tratada em ordem cronológica ou também segundo as matérias, pode dar maior ênfase a este ou aquele aspecto. Em todos estes e outros pontos o crítico poderia discordar do autor. Não vamos fazê-lo. Seria pedantismo. Vamos antes reconhecer o esforço hercúleo que uma obra dessas requer de seu autor. Podemos dizer que a valiosa experiência que o autor adquiriu em longos anos na sua cátedra de teologia, capacitaram-no a nos oferecer uma bela síntese, ou "um esboço" dessa história, como ele diz em sua modéstia, um esboço do mais alto valor doutrinário. Velho e experimentado mestre, soube situar as controvérsias em seu marco histórico e mostrar resumidamente como nasceram as decisões doutrinárias (os dogmas) que se acham compendeadas, p. ex., no clássico "Enchiridion", de Denzinger.

Silvino Arnhold, S. J.

RATZINGER, Joseph: El Nuevo Pueblo de Dios, Esquemas para una Ecclesiology, tradução do original alemão de Daniel Ruiz Bueno (Col. Sección de Teología y Filosofía, n.º 101), 472 pp., 14,5 x 21,5 cm, Editorial Herder SA, Barcelona, Espanha, 1972.

Como o título indica, trata-se de um livro sobre a Igreja, traduzido do alemão. O autor reúne aqui uma série de 19 estudos dos últimos dez a quinze anos, redigidos em ocasiões diferentes e para fins diversos. Eles se acham distribuídos pelo livro em quatro partes, segundo as questões que abordam:

A I p. diz-nos algo sobre a história da Ecclesiology: sobre o conceito de Igreja no "Liber regulatum", de Ticonio; — sobre a Igreja na piedade de Santo Agostinho; — sobre a influência da controvér-

sia a respeito das Ordens mendicantes na doutrina do primado.

A II p. aborda, numa série de estudos, o tema: A Igreja e seus ofícios: a origem e a natureza da Igreja; — o conceito de Igreja e o problema da pertença a ela; — o ofício espiritual e a unidade da Igreja; — primado e episcopado; — teologia do concílio; — a colegialidade dos bispos na doutrina do Vat. II; — implicações pastorais desta doutrina; — questões que levanta o encontro da teologia luterana com a teologia católica depois do concílio.

Numa III p. são estudadas questões relativas à reforma da Igreja, como: relação do cristão com a Igreja (fraqueza da Igreja e obediência do cristão)! — que significa renovação da Igreja? — uma Igreja aberta ao mundo? — valor absoluto do caminho cristão de salvação? — declarações do concílio acerca das missões fora do Decreto sobre a atividade missionária da Igreja.

Estamos diante de um livro muito rico em assuntos; aborda temas muito variados de Eclesiologia. Como coletânea de estudos e artigos, surgidos ocasionalmente, falta-lhe certamente a unidade para se

poder falar em uma Eclesiologia; trata-se antes de ensaios para tal. Seu valor está precisamente na variedade e na atualidade das questões abordadas. Baseado em seu excelente conhecimento da Escritura e da Patrística, o seu autor sabe tratá-las com um rigor de pensamento e um equilíbrio de doutrina pouco comuns.

É, pois, um livro que pode interessar a todos os estudiosos da Eclesiologia, particularmente professores e estudantes de teologia, e também sacerdotes ou mesmo catequistas que se defrontam a cada passo com esses problemas.

Silvino Arnhold, S. J.

LOHSE, Bernhard: A fé cristã através dos tempos, tradução do original alemão de Silvio Schneider, 278 pp., 15,5 x 21,5 cm, Editora Sinodal, São Leopoldo, RS, 1972.

Quem lê o título deste livro não vai suspeitar à primeira vista que se trata de uma história dos dogmas, como o indica claramente o título no original alemão "Epochen der Dogmengeschichte" (Épocas da História dos Dogmas). Já este simples fato faz sugerir de alguma forma a problemática com que se defronta quem ousa escrever uma história dos dogmas. É verdade o alvo que o nosso autor se propõe, é mais modesto; não tem a intenção de apresentar um estudo para um pequeno grupo de especialistas do assunto; ele quer antes oferecer um sumário das grandes obras do gênero em língua alemã, como de Harnack, Loofs, Seeberg e enquadrar nele a nova compreensão evangélica dos dogmas para demonstrar a sua validade (Prefácio).

Como católico não pretendo submeter o livro a uma crítica para não vir a ser injusto para com um autor da competência, seriedade e abertura ecumênica como é Bernhard Lohse. Mas basta ler a Introdução para sentir a dificuldade que o autor, ou em geral um protestante, experimenta quando se dispõe a analisar o conceito católico do dogma. Não me posso furtar à impressão de que, apesar de toda

a sua objetividade e seriedade, o autor não conseguiu dar uma compreensão exata do dogma no sentido católico. Isto aparece principalmente quando aborda o tema dos últimos dogmas católicos da Infalibilidade do Papa, da Imaculada Conceição de Maria e da Assunção de Maria.

O autor mostra em seu livro como certas épocas da história da Igreja são marcadas pelas grandes controvérsias sobre este ou aquele ponto da doutrina, culminando da parte da Igreja numa profissão solene da fé (Credo!), na declaração de um dogma, ou nas diferentes confissões. Os diversos títulos dos capítulos indicam-no com bastante clareza, p. ex., Cànone e Credo — A Doutrina da Trindade — A Cristologia — A Doutrina do Pecado e da Graça — Palavra e Sacramentos — A Justificação — O Dogma no Catolicismo moderno — O Dogma no Protestantismo — A Unidade da Igreja.

Neste último capítulo o autor analisa de modo sucinto a tendência hodierna no campo do dogma. Ninguém contesta que nossa época é em geral avessa a dogmas. Na Igreja Católica é notório que o Concílio Vaticano II evitou esta

linha dogmatizante. O autor mostra como no correr da história esta tendência levou as igrejas a fixarem seus dogmas ou suas confissões, isolando-se assim umas das outras. Nas últimas décadas, porém, elas saem desse isolamento, começando a interessar-se pelos elementos que pudessem ligá-las entre

si: surge a grande preocupação pela Unidade da Igreja, superando os estreitos limites do dogma. A idéia da Unidade, que parece em última análise estar subjacente ao conceito do dogma, adquire novas dimensões, que se cristalizam cada vez mais no Movimento Ecumênico.

Silvino Arnhold, S. J.

LEITA, Joan: *El Fundamento irreligioso de la Iglesia*, tradução de José Manuel Udina (Estudios Sigueme 1), 144 pp., 21 x 12 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca (Espanha), 1972.

"No nosso tempo, é o evangelho o que deve secularizar-se. De fato, deve ser libertado do seu submetimento à religião verdadeira ou a qualquer outra religião, sempre que se desejar que encontre um fundamento novo e universal, válido para todos os homens" (pp. 9-10). Estas palavras resumem a finalidade da presente obra: entender o evangelho como algo totalmente desligado de qualquer instituição, de qualquer autoridade e de qualquer religião. Ainda mais, entender o evangelho e o Cristo como realidades desligadas de qualquer idéia de um Deus transcendente; numa palavra, secularizar o evangelho, fazendo-o absolutamente intramundano e intrahumano.

Como é natural, para defender teses tão radicais, é preciso fazer uma opção prévia: aceitar do Novo Testamento apenas aquelas partes que possam favorecer a tese preestabelecida. O mais original nessa posição é que Leita não faz a opção baseando-se nas evidências exegéticas dos estudos mais recentes. Pelo contrário, ele está em contradição quase constante com todos os exegetas — católicos e protestantes — e com todos os eclesiólogos, inclusive H. Küng, o autor mais citado ao longo da obra.

Nessa escolha prévia, Leita se decide em favor do Evangelho de Marcos, por achar que nele nos é apresentado um Jesus absolutamente isento de pretensões messiânicas, "obstrutivo" de qualquer

presença de Deus no mundo e que se constitui em puro acontecer libertador de qualquer religião e de qualquer autoridade — inclusive da autoridade divina. Seguindo essa linha, o A. chega à conclusão de que "do que se trata é, simplesmente, de destacar a auto-autoridade pessoal gerada pela aceitação de Jesus" (p. 111). Daí que aceite plenamente as conclusões de Nietzsche: "Não estamos decididos a entrar no reino dos céus. Chegamos a ser homens e, por isso, queremos o reino da terra" (p. 112).

O que dizer deste livro? Em primeiro lugar, é evidente o seu unilateralismo, a sua opção prévia, anterior a qualquer investigação séria do Novo Testamento. Toma Marcos, e somente Marcos, porque pensa que o segundo Evangelho está de acordo com as suas idéias e não por ser mais primitivo. A partir daí, toda a sua argumentação está viciada radicalmente. Desconhece, por exemplo, que Marcos também nos fala do amor de Deus como "do primeiro mandamento" (Mc 12, 29); aparenta ignorar a missão — não apenas o contato pessoal com Jesus — dos apóstolos (Mc 3, 14; 6, 7-11; 16, 15-18); deixa propositadamente de lado os textos em que Marcos nos fala da ressurreição e da vida eterna (p. ex., Mc 12, 13-27); omite uma passagem tão fundamental para a compreensão da transcendência e divindade de Cristo como a relativa à blasfêmia contra o Espírito Santo (Mc 3, 28-30). Numa

palavra, dentro do próprio documento escolhido por ele — o segundo Evangelho — Leita seleciona arbitrariamente os textos que podem sugerir alguma coisa em favor das suas teses preconcebidas.

Uma boa parte do livro está dedicada a pretender demonstrar que Mt 16, 17-19 é uma interpolação... do próprio Mateus! E isso porque, segundo o autor, esse texto fundamentaria a existência de uma autoridade que ele radicalmente nega. Ora, nenhum autor de eclesiologia é tão ingênuo para basear a sua argumentação num texto isolado. Leita parece ignorar que a Igreja não tem a sua justificativa num texto, mas em toda uma vivência manifestadora do Espírito de Cristo. Não são apenas as palavras de Cristo, mas o conjunto do acontecimento pascal — morte e ressurreição — combinado com a missão dos doze e com a sua certeza de serem conduzidos pelo Espírito "que introduz em toda verdade", o que perpetuou uma tarefa que se deve prolongar até a consumação dos séculos.

Um outro ponto absolutamente falho na argumentação de Leita é a sua abstração dos condicionamentos históricos em que o Evan-

gelho de Marcos foi escrito. Sublinhar a caracterização de Cristo como Salvador dos poderes demoníacos e não como Messias é algo absolutamente normal para quem escrevia num contexto romano-helenístico, carente dos conceitos messiânicos do Antigo Testamento. Mas tirar daí a conclusão de que Marcos nega na prática o qualificativo de messias a Jesus é desconhecer conceitos tão profundamente enraizados no Antigo Testamento como o de Reino de Deus, que percorre todo o segundo evangelho.

Resumindo: o livro que estamos analisando é falho pelos pré-conceitos de que parte, pela absolutamente insuficiente penetração exegética dos textos, pelas tremendas lacunas que aparecem na sua compreensão do Novo Testamento e pelas conclusões abusivas que tira das suas argumentações. Por isso, não se trata de pedir um eventual melhoramento em futuras edições. O melhor que se pode fazer com esta obra é esquecê-la o mais rapidamente possível. Lástima que uma editora de cunho católico tenha patrocinado, mesmo sem o "imprimatur", um esforço inútil de tradução.

J. Hortal

DUNPHY, William (dir.): *La nueva moral. Continuidad o discontinuidad*, tradução de José L. Alvarez (Nueva Alianza 45), 178 pp., 21,5 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1972.

A presente obra recolhe uma série de trabalhos dos professores do St. Michael's College da Universidade de Toronto, sobre o tema central das relações entre passado e presente no campo específico da moral. Daí o subtítulo: "continuidade ou discontinuidade". Adotando uma posição moderada, chegam à conclusão da necessidade da criação de uma moral contemporânea, mas que não seja completamente descontinua do passado.

Michael Sheehan examina os diversos períodos do pensamento moral cristão (patristica, monacato, Idade Média, Idade Moderna), discernindo as linhas de pessimis-

mo e desprezo da corporeidade humana, que hoje não são mais aceitáveis.

Edgar Burns procura aplicar ao terreno da moral sexual os modernos conhecimentos sobre o ambiente cultural em que a Bíblia foi escrita. Sem tirar conclusões pormenorizadas, faz ver a necessidade de um "discernimento" daquilo que na nossa tradicional ética sexual é devido apenas a uma tradição cultural determinada.

Leslie Dewart contempla os dois tipos de moral ("legalista" e "legal") que se disputaram o domínio da ética cristã. Através dos escritos do Novo Testamento, dos Santos

Padres e de S. Tomás, apresentam o triunfo do segundo tipo e a rejeição do primeiro. Mas Dewart não pára aí. Vendo que a finalidade da moral legal é a afirmação da liberdade e da responsabilidade do homem perante Deus, apresenta a hipótese de circunstâncias históricas que peçam um maior grau de iniciativa e responsabilidade do que aquele permitido pelo conceito de moral legal. Nesse caso, deveria chegar-se à superação desse tipo de ética. Também aqui as conclusões são apenas sumárias.

Albert Wingell procura investigar a afinidade da vida moral com os processos cósmicos, através do pensamento ocidental. É bastante interessante a análise que faz dos tomistas e das suas possíveis desviações da genuína doutrina de S. Tomás.

Edward A. Synan nos apresenta o reverso da medalha: a continuidade constatável entre a ética do passado e do presente e a necessidade de sempre construir sobre as bases sólidas que nos legaram os que nos precederam.

Stanley Kutz, num estudo cheio de interesse, nos faz ver a necessidade de maior atenção para um aspecto algo descuidado na pedagogia ética: a educação do sentimento. Contra o predomínio quase que exclusivo do elemento intelectual, Kutz pede a educação e a libertação das emoções, a fim de

restaurar a harmonia e equilibrar o homem.

Gregory Baum procura discernir os elementos de uma nova concepção antropológica que estariam subjacentes nos documentos do Vaticano II. Essa nova antropologia ele a vê nas doutrinas sobre a liberdade religiosa, sobre a colegialidade e sobre o relacionamento da Igreja com todos os homens. Como é natural, mostra-se partidário de um repensamento da nossa moral à luz dessa antropologia.

Marshall McLuhan aplica às questões morais algumas das suas descobertas e teorias sobre o ambiente humano e as relações entre a consciência humana e as diversas tecnologias. Também no campo ético seria necessária uma volta para a conquista do nosso espaço interior.

Finalmente, David Belyea mostra o Cristo como homem perfeito e como antidoto contra todos os desesperos e angústias tanto dos antigos como dos nossos contemporâneos.

O livro, como toda obra de colaboração, resente-se um pouco de incoerências e repetições, mas se enriquece também pela confluência de pontos de vista diversos e até contrastantes. As suas análises representam um primeiro passo em ordem a essa renovação da teologia moral que, de um modo ou de outro, está-se procurando por toda a parte.

J. Hortal

HARING, Bernhard: Los religiosos del futuro, tradução do original alemão de Daniel Ruiz Bueno, 242 pp., 14 x 21,5 cm, Editorial Herder SA, Barcelona, Espanha, 1972.

O afamado moralista, autor de "A lei de Cristo", apresenta neste livro as suas idéias sobre a vida religiosa, como o tempo de hoje e de amanhã a está exigindo.

O autor possui uma larguíssima experiência de contratos com os religiosos de todo o mundo. Em cada página esta experiência se manifesta na alusão a dificuldades que os religiosos encontram e na indicação de caminhos para dimi-

nui-las e eliminá-las. Assim, o livro está cheio de justas e concretas indicações, baseadas no Evangelho, na tradição bem entendida e no discernimento dos elementos novos que a situação do mundo oferece. Pode-se dizer que todos os problemas da vida religiosa atual recebem um esclarecimento na luz do Concílio Vaticano II, numa visão orgânica que em Cristo tem o seu centro e na perfeita caridade o princípio interno unificador.

Em especial referência ao futuro das ordens religiosas, o autor indica as seguintes linhas orientadoras: 1) O espírito de totalidade, a partir da oração — 2) A nova motivação do serviço — 3) Novos campos de atividade — 4) O novo

papel da mulher na Igreja — 5) Comunidades abertas, para o acolhimento temporário de leigos e não-católicos que desejam entrar em contato vivencial com a vida evangélica da comunidade religiosa.

Oscar Mueller

RAD, Gerhard von, *Teología del Antiguo Testamento. I. Teología de las tradiciones históricas de Israel. — II. Teología de las tradiciones proféticas de Israel.* Edición preparada por Luis Alonso Schökel. Trad. de V. Martín Sánchez y F. C. Vevia Romero. (Lux Mundi, 28 y 29), 592 y 567 pp., 21,5 x 13,5 cm, Sígueme, Salamanca, 1972.

A Teologia do Antigo Testamento nasceu apenas no século passado (W. Vatke, 1835), como um esforço de síntese do desenvolvimento espiritual de Israel. Mas os preconceitos racionalistas e crítico-liberais impediram considerar a Escritura como fonte de autêntica "teo"-logia. O estudo bíblico reduzia-se a um trabalho científico, de análise e crítica textuais, históricas e literárias. O progresso da História das Religiões atraiu o interesse dos exegetas para as "idéias religiosas" de Israel, enfatizando nelas as influências extrabíblicas, recém descobertas.

Nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial, a ciência bíblica foi revolucionada pelo método da "história das formas" ("Formgeschichte"), contestando a soberania dos antigos métodos crítico-liberais. Foi possível então uma verdadeira floração de obras que tentavam dar uma visão de conjunto do Antigo Testamento. É a "idade de ouro" da Teologia do A. T. (1). Destaca a obra de W. EICHRODT (1933-39), que sistematizou o A. T. em torno ao tema da Aliança. Entre os católicos, temos que esperar até VAN INSCHOOT (1954-56).

As Teologias do A. T. de EICHRODT e VAN INSCHOOT, como as de KÖNIG, SELLIN, KÖHLER,

PROCKSCH, WRIGHT, JACOB e a recentíssima de GARCIA CORDEIRO, preocupavam-se, sobretudo, do arranjo e da sistematização dos conceitos e grandes temas bíblicos: Deus, o homem e as relações Deus-homem (KÖHLER, VAN INSCHOOT); o agir divino no A. T., a resistência do homem e a vitória de Deus (JACOB); o esquema promessa-realização, etc. Aqui é claro o risco de "encontrar" nos textos bíblicos os conceitos ou esquemas prévios, com os quais nos aproximamos deles. Ao estudarmos um conceito nas diversas tradições da complexa história da formação do A. T., damos um corte transversal que rompe a íntima conexão dos textos com a história salvífica geral. É a reserva que se costuma fazer ao monumental trabalho do *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, iniciado por KITTEL, reserva que se pode estender aos numerosos — e úteis — dicionários bíblicos e aos estudos monográficos sobre "temas bíblicos".

A obra de VON RAD constitui um novo rumo no campo da Teologia bíblica. Negando-se a apresentar uma síntese transversal dos conceitos teológicos do A. T. (cf. vol. I, pp. 15, 155s 166s.), opta pelo estudo longitudinal da Bíblia, respeitando, quanto possível, a sucessão cronológica dos textos bíblicos. É o que J. HARVEY chama de "teologia bíblica diacrônica". A opção de VON RAD triunfou na década dos anos 60, como provam

(1) Cf. J. HARVEY, "L'avenement de la théologie biblique diachronique de l'Ancien Testament. La décennie 1960-1970". *Bulletin de Théologie Biblique*. Roma, n.º 1 (1971): 5-31.

o exame dos grandes comentários bíblicos dos exegetas de língua alemã e o novo tipo de monografias bíblicas, onde predomina o estudo do autor ou tradição bíblica sobre o antigo interesse por temas ou personagens bíblicos.

A leitura e a consulta desta obra tão prestigiada pelos especialistas não decepcionará ao leitor interessado nos estudos bíblicos. O volume primeiro abre com um breve "Compêndio histórico da religião javista e das instituições de Israel". Recomenda-se o estudo do ministério sagrado e o carisma em Israel. Segue um capítulo metodológico e a parte central da obra: a "Teologia do Hexateuco", procurando discernir as diversas fontes, documentos ou tradições. A obra histórica do deuteronomista e do cronista, como o trabalho redacional do documento sacerdotal, desenvolvem a forma kerigmática em que se apresenta a história salvífica nas antigas tradições (J. e E.). Não é possível fazer um estudo estritamente cronológico das tradições históricas de Israel, pois na fixação da data dos textos devemos conformar-nos com "meras aproximações" ou limitar-nos a caminhar mesmo "às apalpadelas, na securidão" (I, 14). No vol. II, porém, depois de uma parte geral, VON RAD empreende o estudo das "Tradições proféticas de Israel", seguindo uma ordem cronológica. O livro conclui com um estudo sobre os problemas da relação do A. T. com o Novo e dos Profetas com a Lei mosaica. Desde a quarta edição alemã, vem ainda em acréscimo um capítulo final sobre a história e perspectivas da Teologia bíblica.

No capítulo final, interessou-nos, sobretudo, a posição de VON RAD a respeito do problema da historicidade "real" das narrações bíblicas. Suspeito, para alguns, de prescindir da realidade dos fatos, em favor do "kerigma", o autor responde serenamente que optou por deixar que os textos bíblicos falassem por si mesmos, o que qualifica de "mal menor" do que analisar o testemunho de Israel sobre sua história ("Geschichte") com os

métodos e mentalidade da história moderna ("Historie"); quis seguir a regra de que os métodos devem adaptar-se a seus objetos e não os objetos aos métodos, como frequentemente fazemos (II, 536s). Nesta perspectiva, acha que a questão positivista sobre a "credibilidade histórica" dos textos bíblicos é inadequada para a compreensão dos mesmos. A visão histórica do antigo Israel é complexa demais para responder à simples alternativa "realidade ou ilusão". A questão da relação entre a "imagem kerigmática da história" e a "história real" está ainda em seus começos (II, 538). Trata-se de dois modos profundamente diferentes de perceber a história. Para Israel, o histórico interessa como âmbito configurado e governado por Javé, não tanto como acontecer objetivo. E ainda sendo necessário reconhecer a historicidade fundamental dos fatos, não podemos esquecer que a fé que os narra não é, na maioria dos casos, contemporânea dos mesmos. Preocupar-nos, sobretudo, da questão histórico-positivista (os fatos), será negligenciar aquilo que era mais importante para Israel (o significado dos fatos narrados).

A obra de VON RAD é exemplar, não apenas pela seriedade científica, mas também pela sensibilidade ao valor da fé de Israel, vivida certamente na história. Como diz Alonso Schökel na apresentação da edição castelhana, "o trabalho de G. von RAD não é somente pesquisa mas tem muito de autêntica meditação" (I, 10). Sua Teologia do A. T. é, sobretudo, a história da fé vivida e proclamada por Israel. Mas será apenas isso? Será que não nos permite afirmar a existência de uma verdadeira "História da Salvação" objetiva? VON RAD não esquece nunca que o objeto da fé de Israel é "a revelação de Javé na história, em palavras e em atos" (I, 158), e que esta atividade reveladora de Javé é, portanto, o "ponto de partida" e o "centro" da Teologia do A. T. (I, 159). Se os relatos bíblicos, em forma poética até a tradição deuteronomista,

apresentam uma considerável reflexão teológica sobre o acontecimento que lhe serve de base, não permitem sua redução à pura imagem poética ou ficção lendária. Nisso VON RAD opõe-se abertamente à antiga exegese liberal, respeitando a compreensão que os autores bíblicos tinham do "fenô-

meno em sua burda materialidade" (cf. I, 236, nota 13).

A versão espanhola, com índices de matérias e citações bíblicas, é excelente. Alegremo-nos por ter mais próximo à nossa língua uma obra, sem dúvida, imprescindível em todas as bibliotecas teológicas.

Luis González-Quevedo, S. J.

CODINA, Victor, S. J.: *Nueva formulación de la vida religiosa*, 253 pp., 19 x 13 cm, Mensajero, Bilbao (Espanha), 1972.

Que a vida religiosa está em crise é ponto pacífico. Confirma-o a quantidade de livros que se publicam hoje sobre o assunto e a diversidade de perspectivas com que se trata. O Pe. Victor Codina não é um novato no campo da *Teologia da Vida Religiosa*. Com este título publicara, em 1968, uma obra nascida das aulas ministradas no Instituto de Espiritualidade da Universidade Gregoriana de Roma. A obra contestava seu próprio título ao afirmar repetidamente que a teologia da Vida Religiosa estava ainda por fazer. Sua páginas, no entanto, eram uma útil introdução à matéria.

O livro que agora nos chega é fruto bem mais maduro de quem não parou de refletir e dar cursos sobre o tema, tanto na Europa como na América de língua espanhola. Seu enfoque geral é já um verdadeiro acerto: O Pe. Codina estuda desta vez a crise da Vida Religiosa dentro da crise em que vive hoje o cristão e o homem de nossos dias. Só depois de dedicar quatro capítulos à experiência humana e cristã do homem contemporâneo (com destaque do cap. 3.º sobre "O silêncio de Deus") é que dedica outros quatro à Vida Religiosa em particular. Esta é vista na sua "encrucilhada histórica" e na sua "experiência radical" (cap. 5.º); experiência da transcendência de Deus,

do Cristo como centro e chave da história, experiência que "exige existencialmente" o celibato. Neste encontra toda forma de Vida Religiosa sua unidade essencial, sua estrutura mais radical (cap. 6.º). O celibato pelo Reino visa o serviço dos homens. "Diaconia" que será "crítica" frente a tudo o que não é conforme com o plano de Deus, e tem duas dimensões: "vertical" (oração) e "horizontal" (serviço fraterno, contestação de toda forma de injustiça e opressão): cap. 7.º. Este serviço crítico que os religiosos prestam ao mundo é sempre comunitário. A "koinonia" fraterna é essencial à Vida Religiosa e constitui hoje, mais do que nunca, um sinal do Espírito (cap. 8.º). Em Apêndice o autor inclui um boletim bibliográfico sobre Vida Religiosa e secularização, com amplas sínteses.

O novo livro do Pe. Codina também não responde exatamente ao seu título. Não se encontrará nele uma "nova formulação", unitária e original, que tire a Vida Religiosa da crise atual; mas sim uma contribuição séria e honesta, sugestiva e estimulante, para a renovação da Vida Religiosa em nossos dias. Sua leitura se recomenda, não apenas aos religiosos, mas também a todo cristão atento aos problemas da vida da Igreja.

Luis González-Quevedo, S. J.

O tempo da Igreja é o tempo do Espírito, inaugurado em Pentecostes (versão lucana), ou no amanhecer mesmo da Ressurreição (pentecostes joanino). No Concílio se ouviram vozes autorizadas que lamentaram o descaso relativo da teologia ocidental pelo Espírito Santo, que, no entanto, rege a vida da Igreja, atua na sua vida sacramental e de oração, e a conduz na sua tarefa ante o mundo e no mundo. Esta obra presta-nos um bom serviço, enquanto nos dá um exemplar na literatura religiosa brasileira desta corrente, que, em vários níveis, procura reavivar em nós a consciência de que somos "templos do Espírito". Além disso, é de se notar que os AA., seguindo nisto a tradição paulina, insistem em levar seus leitores a uma adesão firme e operosa à Igreja e ao homem concreto.

A colocação no início da obra da intervenção do Cardeal Suenens, quase como Prefácio, logo após a aprovação, por extenso, do Arcebispo de Campinas, e de uma alocução papal, foi bastante oportuna. Até bem pouco tempo era opinião comum e generalizada que a época dos carismas se tinha encerrado com a época apostólica. Desde o tempo dos "fraticelli" o Espírito Santo e a dimensão carismática da Igreja foram tidos em suspeição. E, talvez, substituiu-se com vantagem a alocução de Paulo VI o n.º 12 da "Lumen Gentium", aliás citado no cap. 12 deste livro, "Excerptos dos documentos da Igreja".

A expressão "batismo no Espírito" não deve causar maior problema, nem ser tomada como contraposta ao "batismo de água". Talvez se pudesse usar outro termo, mas o conteúdo é correto: Os AA. querem referir-se a nossa "abertura" para o Espírito "que já nos foi dado previamente" (p. 112).

"A priori" não temos mais direito a estranhar que neste livro se trate do "dom das línguas" (p. 94, p. ex.), do que quando encontramos

a mesma referência no N. T. A consideração que os AA. fazem diversas vezes da autoridade da Igreja, também ela carismática, corresponde à solução paulina do problema. Certos pontos, como sentimento de paz, de alegria (cf. tb. p. 94) podem ser encontrados na clássica doutrina inaciana de discernimento espiritual, como também é muito inaciana a advertência explícita de que a consolação sensível não é o essencial, nem sobre ele a título exclusivo se deve erigir a vida interior e apostólica (ibid.).

Talvez também se possa discordar pastoralmente da oportunidade de levar os leigos a imporem as mãos, porque isto poderia parecer a muitos ser "sacramento". Mas hoje é presumível que, na esperada reforma dos sacramentos, as bênçãos dadas por pais, padrinhos..., onde isto se costume fazer, terão assegurado "oficialmente" seu valor, e, no novo rito do batismo, depois do Celebrante, os responsáveis pela criança diante da Comunidade também traçam o sinal da Cruz na frente do novo cristão.

Um reparo que suscita a obra é o emprego de certos textos em sentido que parece acomodaticio, o que, a bem da verdade, não é ilegítimo: Mc. 7, 7s. (p. 105), realmente se refere à realidade que os AA. definem como "batismo no Espírito Santo"? Os episódios de Samaria e Éfeso (p. 106) não supõem a "imposição das mãos" que a evolução da doutrina e do dogma denomina "sacramental"?

Em conjunto pode-se dizer que a obra apresenta mérito inegável, e, certamente, provocará outros a repensarem a teologia do Espírito Santo, e a concorrerem com estudos mais especializados do que este, que é um livro de nível geral, dirigido a um público maior, para que, num futuro não muito distante seja possível um vital avanço num aspecto essencial do cristianismo e que ficou, injustamente, reservado à área devocional popu-

lar, onde coube ao simples fiel manter firme a consciência da importante atualidade do "Divino" em nossas existências cristãs.

A parte gráfica, como de hábito nas Edições Loyola, é bem cuidada e facilita a leitura.

O livro deve ser lido por todos os que se interessam e se dedicam a problemas pastorais brasileiros, por mais que não seja para conhecerem uma obra fundamental do movimento pentecostal entre católicos.

R. Paiva, S. J.

ALONSO, Adolfo Munhöz: *Dios, Ateísmo y Fe*, 205 pp., 21,5 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, Espanha, 1972.

Como o próprio título indica, o autor apresenta esta obra dividida em três partes. Cada um dos capítulos que constituem estas partes, recebeu, por parte dele, um tratamento desigual, devido à finalidade a que se destinava sua primeira redação. Assim, alguns temas surgiram como colocações para serem discutidas em reuniões internacionais de peritos e outros, após terem brotado da pena do autor, foram diretamente endereçados ao leitor, sem passarem pelo fogo da discussão de experts. Embora a obra seja a reunião de "colóquios e solilóquios" a respeito de Deus, do Ateísmo e da Fé, as três partes que constituem a estrutura do livro, reúnem colocações valiosas para informar o teólogo de quem se preocupa em contribuir para enriquecer a "consciência objetiva" (1) no que concerne ao problema de Deus. Neste sentido e a meu ver, este livro de Adolfo Munhöz Alonso poderia ser encarado como o testemunho de alguém que na base de seu teologar possui síntese e visão unitária da fé e por isso pode oferecer tal contribuição, falando de Deus e enriquecendo a experiência histórica acumulada na consciência objetiva dos homens de hoje.

As três partes não são tratadas levemente nem de forma barata, mas comunicando um tácito e firme embasamento filosófico e teológico, trazendo à tona de seu discurso as importantes contribuições de expoentes da história da Teologia e da Ascese Cristã, como Tomás de Aquino, Duns Scoto e São João da Cruz. Sem esquecer o "Sitz im Leben" contemporâneo, o autor chega a fazer uma fenome-

nologia do ateísmo e da fé em nosso tempo, apresentando implicações de práxis cristã (pastoral) que é decorrência e necessidade após qualquer teologar. É verdade que o último capítulo que fecha a 3.^a unidade, onde o autor trata da fé, a meu ver é endereçado a cristãos da Espanha devido ao fato de apresentar uma reflexão que tenta valorizar a "unidade interior" desse povo e demonstrando a "mensagem de fé" que esta unidade interior comunica. Mesmo assim não deixa de ser também uma contribuição para quem tem preocupação pastoral de não negar o esforço da comunidade humana em responder aos desafios de sua circunstância e que historicamente se expressam como cultura. Nesse sentido o Cristianismo é apresentado assumindo este humano e fazendo-o transcender-se pela emergência redentora de Deus na história.

Embora o autor seja um europeu e seu teologar se dê dentro de uma realidade européia, contudo ele aborda problemas muito atinentes à nossa realidade brasileira e latino-americana. Assim, sua crítica à "teologia para leigos", o problema da angústia, o conflito da fé frente ao tecnicismo, bem como os demais temas abordados na obra, são muito pertinentes à nossa realidade que desafia o cristão, que assiste à polarização que a tecnologia, alienada do sentido global do homem, exerce sobre pessoas nos vários setores da comunidade e que, necessariamente, conduz ao vazio e à frustração do ateísmo. É de se perguntar se este livro não mereceria uma tradução para que reflexões desta ordem estivessem mais pre-

sententes e acessíveis dentro da Universidade, onde se sente a necessidade de um diálogo entre a teologia e a técnica para oportunizar ao estudante, no decorrer da sua ela-

boração de síntese da cultura, a inclusão de Deus, para ele, mais tarde, não vir a decepcionar-se da vida.

Jair Quintino Libero, S. J.

BOLAN, Valmor: Sociologia da Secularização, 176 pp., 21 x 14 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

Estamos frente a uma tentativa de interpretação científica do fenômeno da secularização; ou, como diz o subtítulo da obra, a composição de um novo modelo cultural. O tema, tratado até agora quase exclusivamente por teólogos, recebeu de Bolan um tratamento sociológico alheio a condenações ou elogios, mas que busca a compreensão ao nível do fenômeno. A definição que nos propõe de secularização nos dá bem uma idéia do seu tipo de interpretação: o processo de secularização seria a "mudança do quadro de referência geral religioso por um quadro de referência geral intramundano".

Grande parte do livro se ocupa da análise do fenômeno da secularização na sociedade brasileira: as raízes do fenômeno, secularização e política, secularização da teologia e status clerical, secularização e religiosidade popular. Merece referência especial o parágrafo sobre secularização e ideologia, que oferece uma boa interpretação das tensões entre Igreja e Estado no Brasil. O problema da coexistência destas duas estruturas tornou-se difícil, segundo o autor, na atual fase de exacerbação ideológica, que coincide com um período de intensas mudanças no país. O Estado, condutor do processo, reveste suas posições das características de uma religião secular, com seus ingredientes ideológicos de utopismo, simplismo e otimismo.

Rica é também a análise das religiões populares no contexto da secularização, que através delas realiza um dos seus traços mais relevantes: a privatização da religião, como contrapartida da crescente perda de legitimação do sistema religioso tradicional. O autor critica, a nosso ver com razão, as

teses de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, segundo as quais as religiões mediúnicas oferecem provável alternativa de adaptação das personalidades às exigências da vida urbana. Bolan, interpretando os dados disponíveis, conclui que o surto das religiões espíritas é um fato ligado às migrações do campo para a cidade, logo, um fato transitório tanto na vida do cidadão como na da sociedade como um todo; e que, portanto, a secularização do homem urbano brasileiro é inevitável. O homem urbano secularizado dispõe de outros mecanismos de ajustamento, que lhe são oferecidos pela ciência, os mitos da moderna cultura de massas e vivências religiosas em grupos primários e pluralistas.

Bolan nasceu em Crisciúma (SC) em 1943. Formou-se em Sociologia pela Universidade de Roma, lecionando atualmente Sociologia na Faculdade de Osasco e Guarulhos. Obteve o grau de Mestre em Ciências Sociais, com cursos na Universidade de Loyola (Chicago, USA) e na Fundação de Sociologia e Política de São Paulo, defendendo como tese o trabalho que aqui apresentamos.

O livro é rico em quadros de referência, conceitos operacionais e esquemas de análise. Levanta hipóteses que são verdadeiros desafios para a pesquisa, como a que se refere ao papel predominante exercido pelas religiões populares no atual contexto brasileiro. O livro aconselha-se não somente para teólogos e pastores de qualquer religião, como também para sociólogos e historiadores, bem como aos que se interessam por problemas brasileiros.

Matias Martinho Lenz

TRESMONTANT, Claude: "O problema da Revelação",
Coleção Teológica, vol. 4, 347 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

As Edições Paulinas merecem uma nota de louvor pela publicação desta obra de C. Tresmontant, que é a continuação de sua obra anterior, "Comment se pose aujourd'hui le problème de l'existence de Dieu", onde analisa, segundo os dados atuais das ciências naturais, as condições de ser do mundo, da vida e do pensamento e demonstra a necessidade duma referência a um Absoluto criador. Este Absoluto, chamado Deus, manifestou-se na história humana? Esse é o objeto do presente ensaio: a própria Revelação.

O Autor desenvolve sua reflexão em torno da manifestação do Absoluto na história humana, sempre contrapondo a revelação ao pensamento filosófico e científico. Depois de uma longa introdução onde situa a problemática, examina na primeira parte do livro os caracteres e as modalidades da Revelação. Os livros bíblicos pretendem transmitir a manifestação de Deus na existência do povo hebreu no decurso dos dezenove séculos, desde Abraão até Jesus Cristo. E o autor examina as razões que permitem falar aqui de Revelação e definir-lhe o papel e objeto.

Israel, de fato, representa uma mutação total na vida e no pensamento da humanidade. A Revelação apresenta-se aí como uma "informação" que não procede do homem, immanentemente, mas bem pelo contrário, é o homem que não cessa de lhe resistir. E a partir desta noção de Revelação como "informação", o Autor tece uma crítica à concepção espinozista de profetismo e Revelação.

Retomando suas conclusões da obra precedente, o Autor mostra que a evolução entendida a partir da experiência do povo escolhido aponta para a existência e transcendência de Deus. E a Revelação é então pensada dentro da evolução, como uma continuidade e de-

seenvolvimento progressivo da manifestação de Deus na história de Israel. E esta continuidade e desenvolvimento possibilitam a verificação da verdade da manifestação de Deus.

Na segunda parte da obra, o Autor se detém no conteúdo do ensinamento dos profetas de Israel, confrontando-o com a experiência histórica. E este confronto mostra a especificidade da mensagem bíblica, tanto na sua natureza quanto no seu conteúdo. O ensinamento dos profetas está embasado na experiência concreta do povo de Israel: experiência da Criação de Israel, da infidelidade à norma constitutiva, da perseguição, do castigo dos perseguidores, da volta e da salvação das nações. E todo este ensinamento dos profetas, expresso numa linguagem peculiar que é fruto da experiência histórica, é uma demonstração de que a filosofia da história proposta é verdadeira. O ensinamento dos profetas sobre a evolução da história está conforme à experiência histórica. Esta evolução da história humana está em relação direta à Revelação de Deus. A nova comunicação ou "informação" que se deu no povo de Israel cresce dentro do tempo até atingir seu ponto máximo no rabi Ieschua de Nazaré. E o Autor propõe-se numa próxima obra examinar este "máximo de informação" em Jesus Cristo.

A obra é altamente sugestiva, aliando reflexão e textos bíblicos de tal forma que adquire uma significação para o homem de hoje que se sente chamado a refletir e viver a história humana no horizonte da história da manifestação de Deus. A leitura é de fácil acesso e simultaneamente profunda, como costumam ser os textos de Tresmontant. A tradução, feita por A. Rubini, está à altura do valor da obra. Recomendamos sua leitura.

Mario Fleig

FEINER, Johannes — LÖHRER, Magnus: *Mysterium Salutis — Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica* — Volume II/1 — Deus Uno e Trino; Tradução do original alemão (vários), 368 pp., 23 x 15,5 cm, Ed. Vozes, Petrópolis, 1972.

O presente volume de "Mysterium Salutis" apresenta-nos monografias sobre "Deus Uno e Trino", fundamento da história da salvação. O assunto, dividido em cinco capítulos, foi elaborado por teólogos eminentes. Cap. I: *O acesso à realidade de Deus* (Hans Urs von Balthasar). Cap. II: *A auto-revelação da Trindade* (1 A preparação da revelação da Trindade, Raphael Schulte; 2 A revelação trinitária neotestamentária, Franz Joseph Schierse; 3 A Trindade na liturgia e na vida cristã, Adalbert Hamman). Cap. III: *Formulação magisterial e histórica do dogma da Trindade* (Leo Scheffczyk). Cap. IV: *Os atributos e o proceder de Deus à Luz da história da salvação* (1 Antigo Testamento, Alfons Deissler; 2 Novo Testamento, Josef Pfammatter; 3 Observações dogmáticas, Magnus Löhrer). Cap. V: *O Deus Trino fundamento transcendente da história da salvação* (Karl Rahner).

Destacamos dentre os vários artigos o de Karl Rahner.

Nas primeiras sessões do Concílio Vaticano II, um súbito interesse pelo Espírito Santo surgira na aula conciliar, devido ao confronto com as Igrejas Orientais, cuja teologia e espiritualidade são particularmente pneumáticas. Com isso o Concílio despertava para um "trinitarismo" apenas dogmático. Os documentos conciliares colocariam por pano de fundo o mistério trinitário, embora na pastoral e piedade cristãs permaneceria um ceticismo prático sobre este mistério central.

O Mistério do homem, da Igreja e do mundo emanam do Mistério do Verbo Encarnado que foi enviado pelo Pai, no amor e comunhão do Espírito. Longe de tratar-se duma frase repetida mecânica e ininteligivelmente, nela permanece latente a essência do cristianismo. E se isto é verdade é de espantar-

se ante a incongruência existente entre o dogma, a verdade, e a espiritualidade e pastoral. De um lado a teologia sofregamente afirma o dogma mas não sabe o que fazer com ele. Por outro lado, a pastoral que fala de Deus (sem distinção de pessoas) infunde uma espiritualidade para um Deus absolutamente uno, esférico, exotérico e abstrato. Rahner acena para a profissão de fé trinitária e uma prática simplesmente "monoteísta". Ora, o mistério da Trindade é algo que compromete e diz respeito à vida do homem. O homem torna-se um "estrangeiro" a si mesmo e ao mundo se não perceber a conexão entre sua humanidade e a de Cristo. Originariamente provimos do selo da trindade. O Pai diz o seu Verbo "ad intra", simultaneamente surge o homem "ad extra". O homem é, pois, imagem e semelhança do Verbo, que, por sua vez, é imagem perfeitíssima do Pai. Rahner busca fundamentar a identidade existente entre o Logos "econômico" e o Logos "imanente". Há uma relação íntima entre a natureza humana tal como foi assumida em Jesus Cristo e o Logos de Deus. Deus se manifestou em Jesus Cristo como era. S. João expressa esta identidade nos seus escritos. Ver e conhecer Jesus Cristo e entrar em conhecimento do Pai, o qual ninguém jamais viu. "Crer em Cristo" na teologia joanina coincide com "crer em Deus". Logo, se o homem é imagem e semelhança do Verbo que se fez carne e também imagem e semelhança do Pai. A possibilidade da Revelação é a condição de possibilidade do homem. E a Revelação em sentido estrito é a revelação do Logos de Deus. A Revelação (imanência) virá necessariamente a coincidir no mesmo ato com a Redenção (economia). Em outros termos, poderíamos dizer que a salvação do homem não é um ato distinto — a não ser gno-seologicamente — da Revelação,

presente numa pessoa, Jesus Cristo, que foi enviado pelo Pai. Por isso o próprio Jesus Cristo apenas tem sentido se relacionado com as outras pessoas da Trindade. O homem, como participante do mistério do Logos encarnado, também apenas tem sentido se relacionado trinitariamente. Escamotear o mistério da Trindade, que é, sem dú-

vida, o *mistério* especificamente cristão, é remeter o homem ao absurdo e ao anonimato ontológico.

Rahner busca abrir um caminho novo à teologia, na esperança de que a Trindade não seja uma abstração e elocubração acadêmicas sem incidência para o sentido da vida humana.

Luiz Augusto Passos

Instituto Pontifício S. Pio X: *La Educación de la fe en los adolescentes. III Jornadas de Pastoral Educativa* (Col. Nueva Alianza n.º 50), 198 pp., 21 x 13 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

"La vocación de educador se ha hecho más urgente... y más difícil... Las Jornadas... desean aportar algo: hacernos ahondar en la toma de conciencia de los problemas, abrirnos a nuevos enfoques y quizá a nuevos caminos; con las aportaciones de todos" (p. 9). As jornadas de 1972 versaram sobre a educação da fé nos adolescentes. Três grandes seções de trabalhos: análise da situação, buscando descobrir a situação de fé de nossa adolescência, discutindo os valores e limitações de nossa atual catequese escolar. Outra seção enfrenta o problema fundamental de qualquer catequese: a identidade: A catequese é questão de métodos? De conteúdos? O catequista é professor? A última seção enfoca a nova situação cultural como exigitiva de nova postura da presença catequética: a missão do educador da fé do adolescente é ensinar? Guiar? Ser testemunho de seu processo? Ou comunicar a própria dinâmica da fé? Para abordagem desta problemática, temos seis conferencistas, dois para cada seção.

José Antônio Sánchez apresenta a "evolução da fé nos adolescentes", mostrando os condicionamentos familiares e sociais, trazendo uma série de testemunhos dos próprios adolescentes, onde se pode perceber a dinâmica de seu próprio crescimento ou de-crescimento na fé.

Uma das maiores dificuldades que o autor encontra para o apascentamento da fé é a onda de egois-

mo, que impossibilita o adolescente a abrir-se para a imersão de Deus, como o Outro de e em sua vida. Além disso, o clima de erotismo, as distrações que impedem o adolescente de ficar consigo. Constata também o tipo de fé mais "ornamental" que nada tem a ver com a vida: isto é, não é significativa. Apenas é um patrimônio, mas sem efeito compromissor. Analisa os três momentos de uma evolução autenticamente ascendente: a prática religiosa, depois o processo de reflexão que decanta as práticas e crenças, chegando à situação de interiorização-adesão, resultante do processo purificador. Constata, porém, que este processo não se dá sempre.

Alfredo Anocibar discute os "valores e limitações da atual catequese escolar de adolescentes". Constata um mundo ambigualmente em crescimento, a "perda" do mundo pela Igreja, a tentativa do Vaticano II. Aí situa a atrofia da catequese: esta não "puede contentarse con la transmisión pacífica de unos contenidos religiosos que el adolescente ha de aceptar pasivamente" (p. 75), porque é importante criar no adolescente uma consciência crítica, porque "es preciso que el cristiano lleve a ser capaz de someter a crítica y discernimiento los valores heredados, y los valores vigentes, a la luz del misterio de Cristo, para disponerse a renovar cada día su conversión a Cristo... y servir con amor a todos los hombres" (p. 76). Conclui

que o educador da fé não pode ser desencarnado da realidade circundante, deve levar em conta a necessidade de diálogo, e não deve tratar a religião como uma matéria, e sim como uma abordagem da vida.

Pedro González traz a discussão sobre objetivos de la catequesis de los adolescentes. Afirma explicitamente que passaram os tempos da atenção preferente ao sujeito, ao método e ao conteúdo. Hoje se pergunta pelos fins. Por isso vai perguntando pelo que busca um catequista de adolescentes hoje, o modo como conseguiu-lo, a consistência da formação religiosa em nossos dias. Refere-se a uma educação personalizada, uma metodologia ativa, uma pedagogia socializante. E estabelece três objetivos fundamentais: a fé viva, a vida de oração e o apostolado.

Um bom trabalho apresenta-nos Rafael López: *Prospectiva de la catequesis de adolescentes*. Não fala em ficção. Mas tenta descobrir no movimento da História hoje algumas linhas que podem marcar a educação da fé do homem do futuro, e não de amanhã. Analisa fabulosamente o "concílio de jovens", de Talzé; bem como o "Povo de Jesus". Aí descobre algumas destas linhas-força que exigem uma conversão da abordagem do problema de Deus na existência dos

homens. Descobre nestes movimentos algumas características revolucionárias: 1) desenvolvem-se à margem da Igreja Institucional, o que demonstra um descrédito pelas Igrejas, embora estas os vejam com bons olhos; 2) desenvolvem-se à margem de toda ideologia concreta, pela afirmação de valores fundamentais, como igualdade, liberdade, paz, autenticidade; 3) são movimentos alheios a todo intento de diretivismo. Nem Schutz nem ninguém responde pela condução dos movimentos. Como conclusão, o autor diz que precisamos de uma catequese que responda à urgência de modelos de identificação.

Demetrio González analisa as perspectivas de um trabalho catequético, tendo em vista a situação concreta de Espanha. Embora com esta limitação, não deixa de ser interessante a série de questionamentos que coloca. O último capítulo é uma configuração do educador da fé dos adolescentes, que Antonio Laporta refere. Analisa a identidade fundamental do educador e do educador a nível da fé. Um belo capítulo. E todo o livro é mais uma contribuição àqueles que se acham lançados ao trabalho de tornar significativa a mensagem de salvação do Senhor, perene, e por isso necessária também para o jovem de nossos dias!

José Martins Carvalho

NICOLAS, Adolfo de: Teología del Progreso — génesis y desarrollo en los teólogos católicos contemporáneos — (Col. Verdad e Imagen — 29) 416 pp., 20 x 12 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1972.

O acompanhamento do pensamento teológico em nossos dias poderia dar a impressão de que a preocupação da Teologia pelas Realidades Terrestres teria seu início pelos momentos do Concílio Vaticano II. O que pretende este autor é mostrar como a desvinculação da missão da Igreja havia já sido percebida bem antes. E, se hoje temos uma *Gaudium et Spes*, praticamente só podemos entendê-la como um fruto de todo um trabalho de busca, de penetração do dado reve-

lado e de sua repercussão dentro do devir cósmico e, por conseguinte, humano. O livro está dividido assim em três grandes partes.

Na primeira, a reflexão é centrada na criação, nas realidades terrestres e na atividade humana. O pensamento pensado começa em G. Thils, onde encontramos um primeiro enfoque da criação como dinâmica, como contínua. Chenu analisará especificamente o fato trabalho, partindo, como Thils, da criação permanente e que é arti-

culada na atividade humana. Deste modo, já começa a superação das dicotomias, pelo enfoque da unidade matéria-espírito, pelo espírito que se patenteia corporeamente e que corporeamente vive, resultando daí, como um existencial, o agir-no-mundo como intrínseco ao ser-no-mundo, em conexão com a unidade humana. É claro, pois, que se pode, então, falar honestamente de uma Teologia do Trabalho, enquanto vinculado à criação permanente de Deus.

Numa segunda parte, o autor olha os teólogos que tentam uma Teologia da História, enquanto a História é a realidade humana. Encontramos aí, a partir da cosmovisão cristã, três linhas: uma linha encarnacionista, com uma afirmação da continuidade, embora distinga progresso humano e reino de Deus; uma linha escatologista, onde a continuidade é negada, e a irrupção do novo é totalmente afirmada. E a terceira linha, com Congar, é simplesmente a tentativa conciliatória da colisão dos elementos continuidade-descontinuidade. Nesta situação, convém esclarecer a História Sacra e a História Universal: qual a relação que se estabelece entre ambas, já que se afirmou acima a unidade do homem. Por isso se discute o tempo de Cristo e o Cristo no tempo, resultando daí o significado de sua presença temporal, bem como o alcance e o limite da temporalidade da Igreja, já que o tempo de Cristo é apelo escatológico. Por conseguinte, a uma inchoatio, mas não uma consummatio. E estes dois elementos relativizam a História. Relativizam as estruturas. Relativizam a Igreja, porque a distinguem do fim escatológico que a impulsiona, e que ela patenteia, mas não é.

Nesta linha de distinção, Rahner introduz com mais profundidade o pensamento da unidade matéria-espírito como um existencial, e a vocação escatológica como um existencial sobrenatural. Rahner, para salvaguardar a unidade, desenvolve dois conceitos-chaves na sua compreensão: o conceito de autotranscendência e autocomunicação de Deus, e o conceito de sím-

bolo real. Daí verá a História na sua dimensão de sacramentalidade. Com este passo, fica aberto o caminho para a introdução da Hermenêutica, quando a Escatologia é o princípio de compreensão total e unitária da História. O futuro absoluto surge como um mistério, onde Cristo é o centro, como fonte e "crisfinalização", na linguagem de Congar. Na presença do futuro absoluto, entra a consideração da esperança, e o critério hermenêutico da esperança só pode ser a praxis cristã. Resultado de tudo isso é que progresso humano e futuro escatológico não se identificam, mas na visão cristã o primeiro é polarizado pelo segundo, sem nem uma separação, embora não se veja claro o "engate" dos dois, já que o primeiro é praxis do homem-no-mundo, e o segundo é a oferta gratuita do Deus que se dá.

Numa terceira parte, a análise olha a Igreja e a pensa na sua presença no mundo. Partindo da Sacramentalidade que Rahner focara, a Igreja é a presença da graça, é a resposta à graça, é ainda a antecipação do reino escatológico, como sacramento. Ela, a Igreja, é tensorial. E destas três notas da Igreja uma resulta os três tipos de presença: viver a encarnação, ordenando tudo ao Cristo, veiculando a esperança no mundo e na História, num compromisso político, na linguagem de Metz. A Igreja, no seu vir-a-ser-histórico, não pode negar uma dimensão do homem, um seu existencial, que é o social.

Por conseguinte, precisará levar à desprivatização da Teologia, fazendo-a ressoar ativamente nas estruturas e instituições deste mundo, fazendo-as ser criticadas pela reserva escatológica. Deste modo, a Igreja tem uma função crítica libertadora da fé de condicionamentos e formas culturais que aprisionam o Reino ou o identificam com formas eclesiais. Reafirma-se, pois, a inerência do progresso à História, e rejeita-se qualquer absolutização de progresso como o passo definitivo da História...

O autor é bastante feliz na sua abordagem, embora só tenha tra-

çado sua reflexão dentro dos limites da teologia católica, razão por que o livro merece toda uma complementação pela presença de outras reflexões das Igrejas-Irmãs, bem como de situações diferentes, tais como a Teologia da Libertação, própria do Terceiro Mundo. O livro é sensato, porque a exposição sempre é acompanhada das aporias que a compreensão teológica apor-

ta. Como conclusão de seu trabalho, fica "uma ruta llena de preguntas", já que o caminho é novo, e os pioneiros precisam ser assumidos para serem compreendidos e aprofundados, na devolução à Igreja de uma auto-imagem sempre em conversão, para a fidelidade ao Senhor que sempre vem.

José Martins Carvalho

SAINT-ARNAUD, Yves: La consulta pastoral de Orientación rogeriana, tradução do original francês, por Josep A. Pombo, 152 pp., 14 x 20 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1972.

A direção espiritual sempre foi uma forma de a Igreja exercer sua missão de anunciadora da Boa-Nova. O nascimento das ciências humanas, particularmente a Psicologia, exige que se repense com liberdade este atuar eclesial. Este livro tenta ser a análise do significado da psicologia perceptual dentro do horizonte deste serviço de direção espiritual das pessoas. Como diz o próprio título, a análise está vinculada à visão de Carl Rogers no seu modelo de "consulta centrada no cliente". Do mundo psicoterapêutico se pode passar à adaptação ao mundo pedagógico, e eis onde encontramos o encaixe do "insight" rogeriano.

O cap. I apresenta o que se entende por Psicologia Perceptual, a terceira força (p. 20) que consiste na utilização da experiência vivida diretamente pelo sujeito como fonte de conhecimento científico. Mostra a inter-relação de comportamento, imagem de si mesmo e dinamismo de crescimento ou tendência atualizante do organismo. Na verdade, chama atenção para a unidade da pessoa humana, na destruição de qualquer dicotomia. Tendo em vista este dado, o autor analisa no cap. II três dimensões da relação de consulta: a função de facilitação, de avaliação e de orientação.

No cap. III, procura uma pesquisa junto aos teóricos da Direção Espiritual, inquirindo-os da viabilidade da aplicação desta aproxi-

mação rogeriana na atividade de orientação espiritual. E o resultado é negativo. No cap. IV, o mesmo processo é dirigido aos práticos da Direção Espiritual, sendo que uma pesquisa é feita com os Sacerdotes de Montreal, notando-se que alguns deles têm influência rogeriana. Os resultados também não ficam tão claros, embora haja uma tendência à impossibilidade de convivência da direção com o método e a filosofia rogeriana. E no cap. V o autor analisa o papel da Psicologia Perceptual dentro do trabalho Pastoral. Enfoca o assunto dentro de três dimensões: a relação pode ser centrada no conselheiro, ou no aconselhando, ou no problema. Conforme esta centração, deferirão as atitudes e as técnicas.

O livro é de informação séria, embora não possa ser, de modo algum, a última palavra sobre o assunto. Rogers é bastante lúcido para ficar jogado no lixo, simplesmente porque a "tradição" da Igreja não tem sua contribuição já inserida em seu patrimônio. Rogers precisa ser assimilado, para que a novidade da mensagem não fique obliterada, é verdade, pela relação de direção centrada no orientando. Os capítulos I e V são particularmente agradáveis de se ler, e questionam as formas rígidas e implacáveis de atitudes pastorais... E o questionar, como um fruto do livro, é suficiente.

José Martins Carvalho

GILL, David M.: **Tecnologia, Fe y futuro del hombre**, tradução do original inglês por Constantino Ruiz-Garrido (Col. Septimo Sello n.º 18), 132 pp., 20 x 12 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1972.

"La conciencia de los problemas de la revolución tecnológica engendra sentimientos de angustia, e incluso de abatimiento. Pero si esta angustia obliga a los científicos, a los pensadores sociales, a los filósofos, a los que tienen en sus manos las decisiones y a los dirigentes de la opinión pública a trabajar juntos para "purificar" el poder tecnológico, entonces hay razón legítima para el optimismo". Neste livro, o autor procura mostrar os resultados da Conferência Exploratória, que se realizou em Genebra, de 28 de junho a 4 de julho de 1970, promovida pelo Departamento de Igreja e Sociedade, do Conselho Ecumênico de Igrejas.

O livro divide-se em 9 capítulos. A introdução já deixa clara a mentalidade desta reunião: mais importante que a autonomia da ciência e da tecnologia, é a autonomia e liberdade do homem, do espírito humano. E, diante deste dilema, é que se vão suceder as discussões da semana. O primeiro capítulo torna patente o divórcio histórico entre ciência e fé, e postula sua superação pela exigência do mundo novo que surge, marcado pela presença da ciência e da tecnologia. De tal modo que deparamos que os valores humanos estão em jogo, sendo realçados, degradados ou destruídos, conforme a maneira de usar a tecnologia.

Por isso, o primeiro capítulo trabalha com algumas perguntas sérias, tais como: "até que ponto a projeção futura está determinada por decisões humanas e pelas opções feitas pelos planificadores deste futuro?" O 2.º capítulo esvazia o progresso de seu otimismo inicial, pela sua ambivalência. Critica-se uma fé otimista e frívola no progresso tecnológico, uma atitude de resignação política e tecnológica, e também o ingênuo otimismo cristão. Em consequência, um dos oradores pede que se tenha coragem de um "quarto caminho": "una

plasmación construtiva del futuro" que permita compatibilizar "la relación hombre-máquina-naturaleza (pp. 30-33)". O terceiro capítulo escuta a Ecologia, como "el estudio de los organismos en relación con su medio ambiente". Refere-se à poluição ambiental, pelo desenfreamento da tecnologia, bem como à destruição dos próprios recursos naturais. E mostra como o Ocidente está muito marcado com esta destruição da natureza pela própria consciência de "domínio da natureza". Assim o domínio agora chega a matar o próprio dominador, já que não lhe deixa mais chance de afirmar-se. Exige também um repensamento desta inteligência do homem.

No capítulo 4, a discussão é a "qualidade da vida": A seleção natural, em outros tempos, matava os geneticamente débeis. Hoje, infesta-se a humanidade de doentes, que a poluem. A desproporção entre fecundidade, natalidade e mortalidade, que desregula o crescimento populacional, do ponto de vista quantitativo. Refere-se às diferenças na posse dos recursos naturais, e termina dizendo que "el hombre ha de volver a encontrar su propio destino: la satisfacción de las necesidades básicas y fundamentales de su existencia. He ahí su única tarea para el resto del siglo XX" (p. 59). No cap. 5, analisa-se o problema da finalidade da vida do homem. Um grupo de peritos tenta colocar o problema do futuro genético da humanidade, mostrando o impasse do "know-how" pelo "know-what". Discute-se a eugenia negativa e positiva. Depara o problema da manipulação dos indivíduos e das comunidades pelos governos e indústrias que detêm o "know-how", sem nem uma referência ética. Neste ponto, o problema se torna crucial: a tecnologia passa a ser fim de si mesma, e a humanidade torna-se problemática. Aqui, "el científico que sea

cristiano deve abandonar su torre de marfil y mezclarse con su propio pueblo, tratando de convertirse en parte de él, a fin de salvarlo de la ignorancia, de la mala salud, de las malas condiciones económicas y de los malos hábitos" (p. 68), de modo que se possa encontrar uma resposta ao dilema: salvar a santidade da vida ou a qualidade da vida. O papel das Igrejas é decisivo na determinação qualitativa da atividade da ciência, para que o humano não se esvazie, e pereça. E é esta vida que, inevitavelmente, hoje se encontra condicionada pela indústria e pela urbanização: os dois fatores que não podem desprezar-se da historicidade do homem.

O problema grave é a transferência de tecnologia, com a consequente transferência de poder, de domínio, de opressão, já que tecnologia é poder: eis o que aborda o cap. 6. E os computadores? São os novos escravos, ou são os novos amos? A máquina é uma extensão do homem, ou é a superação do homem? Inevitavelmente, os computadores tornam-se os grandes instrumentos de organização da complexa sociedade industrial. E ficam perguntas: com grandes bancos de dados pessoais, quem tem acesso a eles? Quem pode manejá-los? A interesse de quem? Uma informação, colhida para determinada finalidade, poderia ulteriormente caminhar em outras direções? É preciso, pois, uma revolução ética, para que não chegue o dia apocalíptico em que a máquina se torne senhora do homem. Por isso, hoje está faltando uma legislação que defina os direitos da vida privada e coletiva ante as ameaças destas novas produções tecnológicas. E o desafio, com que todos estamos confrontados, é o desafio da ética da máquina, cujos efeitos são imprevisíveis. Este fato requer, pois, uma atividade criadora e enérgica que leve os homens a descobrir a maneira de infundir os valores humanos neste processo.

Depois deste capítulo, o penúltimo pergunta pela autoria das metas. As metas pelas quais a tecnologia há de orientar-se, já que de-

ve condicionar-se pela liberação de uma vida humana sempre mais plena. As próprias Igrejas devem aqui esquecer seu instrumental de abordagem antigo, para enfrentar com galhardia os tempos novos, e oferecer respostas aos problemas também novos e angustiantes. O grande problema para as Igrejas é justamente sua tentativa de adaptar-se às estruturas racionais que prevalecem na sociedade. E, deste modo, se tornam traidoras da mensagem de salvação do Senhor Jesus, já que o mundo cristão produziu algumas idéias que baseiam o desenvolvimento tecnológico moderno, é preciso que a Teologia exerça energicamente uma ação de freio às ideologias, mostrando-lhes sua relatividade. Dizer que a Teologia não teria este papel é simplesmente ignorar o fato-encarnação do Verbo de Deus que determina toda a ação eclesial.

O livro termina com o problema da fé para um novo mundo. Constatamos que os teólogos e cientistas distam de compartilhar uma linguagem comum. Percebe-se o questionamento do conceito "natureza", tornando-o histórico, criticando uma atitude saudosista que caracteriza as intervenções da Igreja, e apelando para a evolução como uma manifestação progressiva da verdade. Dentro desta dinâmica, é possível que "o povo de Deus em peregrinação" compartilhe das angústias, perguntas, de um mundo, e se torne mais credor dos homens de nosso tempo. Pois esta peregrinação não admite a dicotomia de tecnologia e homem, mas "o homem, a máquina e a natureza constituem um organismo vivo" (p. 117).

A Teologia chegará, assim, a aceitar-se pobre, porque não é mais a rainha das ciências, e parte com os homens capturando as perguntas e, cooperativamente, trazendo-lhes as respostas. Eis aí um livro interessante, sobretudo para aqueles homens que ainda não se deram conta de que vivem numa época de tremendas e revolucionárias mudanças na face da humanidade.

José Martins Carvalho

ARNDT, Adolf, MOLTMANN, Jürgen: *Hacia una sociedad crítica*, tradução do original alemão por Diorki (Col. Setimo Sello n.º 19), 92 pp., 20 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

O livro está dividido em três partes. Cada parte contém alguns artigos, apresentados pelos mais diferentes autores. Todos eles desejam enunciar aqueles problemas urgentes, e que pedem uma solução também urgente. No conjunto, a preocupação pela capacidade crítica com a presença de alguns elementos de juízo faz com que busquem "hacer una lectura crítica de los conceptos que están a la base de todas las informaciones en los medios de comunicación de masas".

A primeira parte do livro intitula-se: **UNA SOCIEDAD CRÍTICA**. Se houve em algum tempo a pax christiana numa sociedade fechada, hoje, na sociedade aberta e pluralista, é inadiável a pax humana. Na sua criação, a crítica (como discernimento e julgamento) constitui uma peça sempre mais necessária, para que se evitem os enganos. A crítica implica a liberdade que permita a conjunção das forças de todos, ainda que as diferenças dogmáticas persistam. E o resultado é o desaparecimento da "tutela", com a entrada da autodeterminação. A Humanidade já não está mais na fase do pacto "espada e altar". A democracia nasceu e foi dividindo os dois mundos, até opondo-os. A ordem dada é rejeitada, com a conseqüente incerteza do que é historicamente necessário realizar. Esta postura leva ao dever de desenvolvimento de suas qualidades em vista do próprio progresso e da comunidade. Donde resulta que os métodos para a decisão política são a argumentação e discussão, com o paradoxo de que uma minoria possa ver o conveniente. Desaparece, pois, historicamente, o senso da autoridade que conduz, aparecendo a autori-

dade que coordena e impulsiona. Todavia, é preciso observar que as saudades "das cebolas do Egito" ainda permanecem, tanto no Estado como nas Igrejas. O que leva a perder o trem da História, pela não "ex-posição" à força dos acontecimentos.

A segunda parte aborda **IGLESIA Y DERECHOS HUMANOS**, patrocinando a Igreja como a defensora da humanidade, enquanto está de posse do projeto de Deus. E concretamente se enfrenta o problema racial em confronto com tais direitos.

Na 3.ª parte, são os **PROBLEMAS LATINO-AMERICANOS**. Os impasses e contradições destes países estão levando os cristãos a abandonar suas casas e colocar-se nos encontros conjuntos, originando o pensamento ecumênico. A Encarnação do Senhor exige que os cristãos pensem na situação de terceiro mundo, onde a justiça é a súplica mais urgente, reclamando uma conversão de todos, pela entrega à tarefa comum de superar tais antinomias históricas, por exigências da radicalidade do Evangelho do Senhor. Por conseguinte, todos nós precisamos aceitar que estamos diante de uma necessária revolução social, além das palavras e discursos dos dirigentes, muitas vezes ocultantes de seus reais interesses, e que não são os interesses do momento latino-americano.

Será que as Igrejas saberão libertar-se de sua prisão às saudades de sua conexão com o governo estabelecido e constituído? E onde, quantas vezes, se respirou a injustiça institucional! Um livro pequeno, sem grandes pretensões, mas de utilidade para ajudar a conversão do ver!

José Martins Carvalho

KENNEDY, Eugene C., MM.: **Tempo para Amar**, tradução do original inglês do Prof. Hélcio Veiga Costa, 144 pp., 14 x 21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1972.

Quem tomar em mão este livro, ao abri-lo pode ter a impressão de que o autor foi um tanto superficial ou até pessimista ao elaborar esta obra.

Depois de ter lido, refletido e penetrado naquilo que o autor teve em mente ao escrevê-lo, chega a concluir que o autor não foi pessimista, nem otimista demais, mas simplesmente realista. Apresenta os acontecimentos, os fatos tais quais se sucedem na rotina do dia-a-dia.

O tema que perpassa a obra desde o início ao fim, é o Amor, como aliás já sugere o título: "Tempo para amar". O autor imagina ver milhares de operários, funcionários públicos, estudantes, professores... ora à espera duma condução, ora comprimidos na cabina dum elevador, no ônibus, ora aguardando a remuneração que se faz necessária, ora os resultados dos exames, etc. Vê nos rostos dos indivíduos o desejo de ser amado, ser alguém, pois os olhos espelham o que o coração sofre e anseia. Todos esperam ser iluminados pelo amor. Também o rosto mais inverossímil, a carranca ameaçadora de um xerife sanguíneo, os olhos vítreos do viciado em drogas, a inocência de uma criança... em todos reflete-se a solidão e a ansiedade de receber amor.

Acentua o autor que justamente a palavra mais falada, cantada, versada: "amor" é a que mais dificuldades temos de pô-la em prática. Isto devido à demasiada intelectualização que os homens fazem das coisas que brotam espontanea-

mente. Por isso mesmo, o autor oferece esta obra a fim de que o leitor se conscientize que o amor é um todo (foge aos esquemas porque os transcende) e o homem que não sabe renunciar aos caprichos pessoais, que não sabe renunciar a um bem individual, particular em favor do bem comunitário, não compreendeu o amor. Está incapacitado de vivê-lo:

O livro contém treze capítulos, sendo que os cinco primeiros versam de maneira indireta sobre o tema "amor", amor que se manifesta pelos gestos, olhares, atos... e os oito outros títulos referem-se diretamente ao amor. Baseado em 1 Cor. 13, 4-8, explica o que afinal venha a ser o amor. Possui uma Introdução e um Pós-fácio.

É uma obra adaptada a qualquer classe de pessoas. Prima pela simplicidade e acessibilidade às pessoas com menos dotes intelectuais. Não se preocupa em definir o amor. Nem quer expressá-lo com palavras altissonantes. Apresenta-o no que se observa na rotina da vida quotidiana. Quer chamar atenção sobre cada indivíduo de que ele deve compartilhar as experiências de amor que já teve, para assim a comunidade crescer dia a dia na compreensão mútua e deslumbrar-se mais e mais o mistério do amor. Assim sendo, o homem encontrará sua unidade e alcançará a integridade quando tudo o que ele é — cérebro, organismo, intelecto e emoções — se ajustarem e harmonizarem perfeitamente.

Inácio Biesdorf

DORIA, Francisco Antonio: **O Corpo e a Existência**, Uma psicanálise do quotidiano, Prefácio de Chaim Samuel Katz, 174 pp., 13,5 x 21 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1972.

Diz o autor: "Diante do espelho fantasio-me com a imagem que completa o meu desejo. Fantasio-me de rico ou poderoso. Diante do espelho, a imagem que encontro

sou eu — mas não sou eu também. Sou eu que me admiro e vivo a inveja por mim mesmo — mas que sempre vivo também a irrealdade desta imagem" (p. 159). Quer di-

zer: o desejo que desvela o vazio da minha deficiência em relação ao que desejo ser. Este vazio, preenchido-o por um objeto que pode ser o carro, a televisão, Deus... ou qualquer coisa que satisfaz meu desejo.

A importância desta obra é que é um primeiro arremate de pesquisas, observações e publicações procurando unidade. As noções desta obra de corpo e desejo são elaboradas de modo bem original, sendo uma contribuição à literatura analítico-existencial. A analítica exposta nesta obra depende muito diretamente da analítica existencial heideggeriana. A linguagem pretende, inclusive, em certos momentos, parodiar conscientemente a linguagem quase escolástica de Heidegger em sua obra: "Ser e Tempo".

Se sou corpo, sou o limite extremo, minimizado de minha situação existencial. O menos que posso ser sou-o com meu corpo. E o máximo que posso ser é a vivência da fronteira à alteridade; é aquilo que não é meu corpo, nem minha situação nem mesmo a totalidade da práxis. Só posso conhecê-la como alteridade porque sou corpo. Meu corpo me abre o poder crescer, amadurecer, envelhecer, decair, morrer.

O livro, que é uma psicanálise do cotidiano, dirige-se, naturalmente, a peritos e interessados nesta matéria. É um tanto profundo e, para gente que gosta de uma leitura mais amena, recreativa, não serve. Não deixa, entretanto, de apresentar pensamentos, análises, teorias e pensamentos que captam a atenção do leitor. Fazem pensar.

O autor, Francisco A. Doria, baseou-se no Dicionário Crítico de

Comunicação, para tentar formular uma crítica existencial da comunicação em sociedade. Mas este ponto originário de partida desapareceu no meio das questões muito mais prementes que surgiram logo no primeiro movimento da tentativa de elucidação.

Doria considera longamente a questão do Objeto. Pois este possui uma grande dominância em nosso cotidiano. O consumo em massa é um consumo de Objetos. O objeto é meu; existe dentro de minha situação, sob meu controle, sob minha posse. É a camisa elegante, a caneta de classe, o amigo importante, a mulher de meus sonhos... Pertencer ao melhor clube, me valoriza socialmente. Sou valorizado se me visto "bem", se possuo uma elegante e digna aparência...

Na linguagem vulgar se diz que o Objeto é um símbolo de "status". Se alguém possui carro "último tipo", TV Modelo de luxo, tira-se o chapéu perante ele.

O Livro: "O Corpo e a Existência" contém seis capítulos, tendo o primeiro: "o cotidiano enquanto vida prática", o segundo: "o cotidiano enquanto existência em situação", o terceiro: "o cotidiano enquanto encontro do outro", o quarto: "uma analítica da corporeidade" e o quinto: "analítica da linguagem" e o sexto: "analítica da culpabilidade da existência". É uma obra para os que se interessam em questões referentes à psicanálise, os que se exercitam na analítica existencial, abrindo a todos ótimas perspectivas para conhecer e criticar os fenômenos referentes ao corpo humano e à sua existência.

Inácio Blesdorf

LAING, R. D.: *O Eu e os Outros*, O Relacionamento Interpessoal, tradução do original inglês de Aurea Brito Weissenberg (Col. Psicanálise n.º 4), 174 pp., 14 x 21 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972, em coedição com o Centro do Livro Brasileiro Ltda., Lisboa, Porto.

A vida da pessoa com a pessoa tem base una e dupla — o desejo de ser confirmado pelos outros tal qual se é e até como se poderá vir

a ser, e a capacidade humana inata de assim confirmar seus semelhantes. O verdadeiro humanismo só existe onde esta capacidade é

exercida. "O Eu e os Outros" é uma obra, como o próprio título no-lo revela, dirigida a todos que se interessam para um maior interrelacionamento entre as pessoas; uma sempre mais ativa compreensão e aceitação de si mesmo e dos outros.

O autor procura retratar as pessoas dentro dum sistema social ou nexo de pessoas, para compreender algumas das maneiras pelas quais cada pessoa afeta a experiência pessoal de todas as outras. Procura igualmente trazer um retrato exato sobre o modo de como ocorre a interação. Sendo o homem um ser social, contribui ou para a realização ou destruição dos demais. Afirma o autor que, somente quando duas pessoas realizam atos de atribuição recíproca bem sucedidos, pode haver entre elas relacionamento genuíno. A vida interpessoal é conduzida num nexo de pessoas, onde cada uma adivinha, supõe, deduz, acredita, confia ou suspeita, sentindo-se feliz ou atormentada por fantasias referentes às experiências, motivos e intenções dos outros.

Este livro constitui parte dos resultados de uma pesquisa sobre processos de interação, em especial em casais e famílias, com referência especial, embora não exclusiva, à psicose, pesquisa com base no Instituto Tavistock de relações Humanas e na Clínica com nome igual. Baseou-se o autor nas obras de: Tairbairn, Melanie Klein, Bion, Winnicott, Rycroft, Erickson, Marion Milner, Psicologia analítica e pesquisa americana sobre comunicação, percepção pessoal e processo familiar. Sendo esta obra de teor essencialmente psicológico, o conteúdo gira em torno de dois termos: Fantasia e Experiência. Explorando mais, trata também de atos e experiências que ocorrem de modo geral na memória, em so-

nhos, na imaginação e na realidade. Diz R. D. Laing que alguns psicanalistas afirmam ser possível haver experiências na fantasia inconsciente. Mas ela só pode ser reconhecida como tal, diz Laing, depois de a pessoa dela emergir.

Os psicanalistas usam com frequência o termo: "realidade" que é empregado numa diversidade de maneiras e pode referir-se: ao que origina a experiência; a uma qualidade especial que determinadas experiências têm e outras não; a grosso modo a qualquer coisa que o bom senso ou o analista considerava um caso.

A própria realidade é classificada como: psíquica — física — interior — exterior — subjetiva e objetiva. Sempre devemos distinguir entre: Qualidade e Modalidade de experiências! Por exemplo, sonhar é uma modalidade de experiência que a pessoa acordada distingue graças a diversos critérios da percepção da pessoa despertada. O sonho, a imaginação, a percepção em vigília são diferentes modalidades de experiências. A realidade no "segundo sentido" pode ser uma qualidade ligada a qualquer uma destas modalidades. A mente é com frequência usada como uma realidade exterior à experiência e da qual advém a experiência. Por exemplo, José admite que Júlia possui sensações corpóreas peculiares mas atribui sua origem à mente de Júlia.

Em resumo, esta obra apresenta a Fantasia como função; como uma operação de projeção de qualquer domínio da experiência para qualquer âmbito da experiência. Enfim, é uma bela obra que sem dúvida alguma contribuirá para que haja mais conhecimento pessoal, relacionamento humano e compreensão mútua.

Inácio Biesdorf